

“Ainda estamos aqui”: a memória de filhos de um sindicalista assassinado em Moju/PA, em fins da ditadura militar (1980)

"We Are Still Here": The Memory of the Children of a Murdered Union Leader in Moju/PA at the End of the Military Dictatorship (1980)

Elias Diniz Sacramento*

* Doutor em História pela Universidade Federal do Pará (2020). Mestre em História pela Universidade Federal do Pará (2007) e graduado em História pela Universidade Federal do Pará (2003). É professor Associado I da Faculdade de História do Campus Universitário do Tocantins/Cametá da Universidade Federal do Pará.

Resumo: Este artigo tem como objetivo a memória de familiares de uma liderança sindical assassinada no município de Moju, no estado do Pará em 1987. Virgílio Serrão Sacramento, quando de sua morte, deixou a esposa viúva e onze filhos, sendo a maioria, menores, que cresceram com a ausência do pai, mais sempre tiveram orgulho do sujeito que foi. Neste trabalho, procuro mostrar como as lembranças paternas permanecem até os dias atuais, trinta e oito anos depois.

Palavras chaves: Memória; Filhos; Amazônia; Luta pela terra.

Abstract: This article aims to remember the family members of a union leader murdered in the municipality of Moju, in the state of Pará in 1987. Virgílio Serrão Sacramento, at the time of his death, left his wife a widow and eleven children, the majority of whom were minors, who grew up in the absence of their father, but were always proud of the person he was. In this work, I try to show how paternal memories remain to this day, thirty-eight years later.

Keywords: Memory; Children; Amazon; Fight for the land.



Apresentação

Não me foi permitido um toque, não me foi permitido uma lembrança, não me foi permitido um som dum voz. Isso foi tirado pelo poder do latifúndio. Poder que esmaga, que maltrata. Que deixa filhos órfãos, mulheres viúvas e que não mostra a cara, porque é um covarde. É um latifúndio covarde, que mata escondido, que faz assassinatos camuflados de acidente, para depois dizer que é um acidente, mais é um assassinato sim. E não é um assassinato apenas de um homem, mais é de uma história, de uma possibilidade, que me foi tirada. Eu tenho trinta anos e não tenho memória nenhuma do Virgílio. Não tenho como falar que eu conheço a voz do Virgílio e não tenho nenhuma lembrança, porque isso tudo me foi tirado pelos que tem dinheiro, pelos que querem sempre mais. Mas nós estamos aqui como prova, que nós somos resistência que a resistência se faz em cada um de nós que acredita e que segue esse caminho, mesmo que seja numa convicção, um ideal que permanece vivo em nós. Virgílio para mim é isso, esse ideal, essa esperança, essa certeza de que é possível fazer alguma coisa por aqueles que precisam de nós. Para mim, Virgílio vive, e sempre! (Noemi Sacramento)

O que falar sobre o meu pai, já que eu tenho trinta e três anos. Façam as contas... eu tinha apenas três anos de idade. Me foi usurpado o direito de conhecer meu pai, me foi usurpado do direito de ter um pai. E isso que me causa indignação. Essa indignação que sempre recusa as reações imperialistas, que sempre estiveram e estão presentes na sociedade brasileira, porque o crime que ocorreu na década de 1980, mais precisamente em 1987, foi político, na minha opinião. Consequência dos poderes militares que vieram como projeto devastador pra nossa Amazônia, através das concessões, através do BASA, através de muitos órgãos. Esses órgãos estatais, as empresas eram atraídas através dos incentivos, com os juros que estavam aqui no bolso. Essas empresas chegam aqui pra conseguir terras. Passam por cima de tudo e de todos. (Virgílio Sacramento Júnior)

As duas falas acima, de Noemi Sacramento e Virgílio Sacramento Júnior, filhos de Maria do Livramento Diniz Sacramento e Virgílio Serrão Sacramento, líder sindical atuante em Moju no estado do Pará na década de 1980 e que seria morto em 1987, em um atropelamento que nunca foi esclarecido, servem para mostrar a dor que ficou depois da perda de um pai. Na ocasião desta morte, Noemi tinha seis meses de idade e Virgílio, como era chamado, tinha três anos. Em 2017, quando o sindicalista completou três décadas de seu assassinato, os ‘caçulas’ fizeram este desabafo.

As mortes de lideranças sindicais, advogados, religiosos, políticos no estado do Pará nesta década foi uma realidade visível aos olhos da sociedade. Basta ver o livro de Ronaldo Barata (1995), onde registra através de dados estatísticos quantos defensores de trabalhadores rurais perderam suas vidas. Nomes como dos ativistas Raimundo Ferreira Lima, o ‘Gringo’, Benedito Alves Bandeira, o ‘Benezinho’, João Canuto, Paulo Cesar Fonteles, Joao Batista e Virgílio Serrão Sacramento, estão em sua obra.

Em 2017, no momento da celebração dos 30 anos do martírio de Virgílio Serrão Sacramento, foram realizadas diversas homenagens. Seção especial na Câmara de Vereadores, ato público no cemitério da cidade, homenagem do sindicato dos trabalhadores rurais, celebração na igreja católica da cidade e na comunidade São Pedro na vila do Sucuriju, onde morava, e há um quilometro de sua casa, foi atropelado e morto.

Na ocasião das homenagens em 2017, grupos de alunos da Universidade Federal do Pará (UFPA), estiveram presente em Moju por três dias, junto aos professores. Dentre estes docentes, Gutemberg Armando Guerra e Valério Gomes, então realizaram uma série de filmagens que depois resultaria no documentário intitulado “A luta do luto: 30 anos do martírio de Virgílio Serrão Sacramento”¹, e que seria publicado somente sete anos depois, no final do ano de 2024.

Em 2016, a filha mais de Virgílio, Maria Dinalva Sacramento Pelaes, viria a falecer, vítima de problemas de saúde. Em 2017, nas celebrações do trigésimo ano da morte do líder sindical, Virgílio Diniz Sacramento Júnior, o ‘Virgílinho’, estava presente. Dois meses depois em Macapá, onde trabalhava como professor de educação básica, teria sua vida interrompida.

Tanto a filha mais velha das mulheres, quanto o filho caçula dos homens, deixaram depoimentos gravados, que serão utilizados no decorrer da escrita deste texto. Virgílinho, inclusive participou da oitava realizada pelo então membro da Comissão da Verdade do Pará, Paulo Fonteles Filho, que também faleceria em outubro de 2017. Também tem registros gravados, o filho mais velho, José Dorival, a filha Edna do Socorro, Elias Sacramento e a viúva do líder sindical, Maria do Livramento.

É este o propósito deste artigo, trazer a memória que se tem em registros de áudios, vídeos ou escritos sobre a figura do pai, que ao ter sua vida ceifada em 1987, deixou uma viúva com onze filhos órfão, a maioria menores de idade e que pouca lembrança tem do patriarca. Além dos testemunhos destes familiares, pretende-se aqui, fazer uso de alguns documentos que mostram a atuação enquanto dirigente sindical, além do diálogo com outros autores.

A luta pela terra no Pará

As questões relacionadas aos conflitos no campo são inconfundivelmente ligadas ao plano dos militares para a Amazônia. Não há como não deixar de levar em consideração que o caos fundiário instalado nesta região tenha a culpa desses governantes dos anos mais temerosos que o Brasil viveu, a partir de 1964. Não há como não associar os assassinatos de várias lideranças sindicais, políticas, religiosas, indígenas, quilombolas, entre outros aos desmandos criados no coração da floresta.

¹ Disponível em www.youtube.com.br/a_luta_do_luto:30_anos_do_martirio_de_virgilio_serrao_sacramento

A violência no campo brasileiro ainda é uma realidade constante nos dias atuais. De forma alarmante indígenas, colonos, quilombolas, ativistas, lideranças sindicais ainda sofrerem todos os tipos de perseguições, que vão desde espancamentos, expulsões de suas terras, ameaças de morte até assassinatos. Crianças, adolescentes, jovens e mulheres fazem parte desse contexto.

Os dados da Comissão Pastoral da Terra (CPT) divulgados anualmente e intitulados “Conflitos no Campo Brasil”, apresentam um relatório onde se pode observar a dimensão dos diversos casos ocorridos no Brasil, seja pela questão da água, da terra envolvendo comunidades quilombolas, indígenas, sem-terra, ribeirinhos e outros. Para a Comissão Pastoral da Terra (CPT), o ano de 1985 marca o período em que a entidade começa a divulgar os dados sistematizados, embora ali não se tivesse início as informações sobre os conflitos no campo. Sabe-se muito bem, que muito antes dessa data as tensões no campo já ocorriam, como se pode observar na edição comemorativa de trinta anos, como nos mostra Leonilde Medeiros,

Eram então já recorrentes fatos como destruição de casas e cercas, e mortes de animais, presença de jagunços intimidando trabalhadores, assassinatos e ameaças. O Golpe de 1964, que agregou militares e interesses empresariais, criou uma situação particular: ao mesmo tempo em que se intensificavam as ações de violência, pairava sobre elas um profundo silêncio. Com efeito, com a prisão de lideranças, censura aos meios de comunicação, dificuldades de livre manifestação de opinião, os muitos conflitos preexistentes e as novas frentes de conflitualidade se tornaram invisíveis para a sociedade. Nas áreas de maior tensão, iniciou-se um processo que sob a justificativa de localizar “agentes da subversão”, não poupou mulheres, crianças, adolescentes que viram suas casas invadidas e reviradas em busca de pessoas, armas e documentos. Os registros sobre esses fatos são precários, mas os relatos da violência que os marcaram e que começaram a ser obtidos em pesquisas que tentam decifrar o período são eloquentes. Afinal, os conflitos, em especial os que ocorrem no campo, precisam de mediações para vir a público. Assim, não se pode separar as possibilidades de denúncias de conflito das condições de emergência de mediações e espaços públicos, que permitem que os fatos venham à tona e sejam efetivamente reconhecidos como casos de supressão de direitos. (MEDEIROS, 2014, p. 28-29)

Na Amazônia e no Pará, essa realidade mostrada pelos relatórios da Comissão Pastoral da Terra tem sido uma tônica com maior intensidade desde os anos de 1980, embora os problemas relacionados a questão fundiária tenham se iniciado bem antes. Porém, desde a penúltima década do século XX, o Pará sempre figurou entre um dos mais violentos em relação à problemática agrária. Um dos momentos mais intenso, é observado no ano de 1987, sobretudo em relação ao número de assassinatos no campo, como está presente na obra de Barata (1995),

No Pará, a discussão sobre a da reforma agrária foi feita inicialmente pelo então deputado estadual Benedito Monteiro ainda em 1962, dois anos antes do golpe dos

militares. No início da década de 1960, ajudou a organizar sindicatos dos trabalhadores rurais. Em um momento em que a rodovia Belém-Brasília começava a interligar o Norte as demais regiões do país, migrantes chegavam em busca de uma vida melhor. Vinham, principalmente com a divulgação da propaganda de um novo ‘eldorado’. Eleito deputado estadual em 1958 e reeleito em 1962, este criou um projeto de reforma agrária. Para Edilza Fontes,

Benedito Monteiro foi reeleito em 1962, como em que o PTB praticamente dobrou seus deputados federais passando de 66 para 116 cadeiras, tornando-se a segunda bancada na câmara federal. Este contexto histórico deve ter incentivado o deputado estadual a propor o projeto de reforma agrária na Alepa. (FONTES, 2015, p.377-378).

O projeto de Benedito Monteiro não foi aprovado frente ao conservadorismo da época. Inclusive, como deputado estadual teve seu mandato cassado em 1964, quando do golpe militar no Brasil, pois apesar de servir a sigla do PTB, era ligado ao PC do B. No entanto suas ideias foram de fundamental importância para o debate sobre o tema nos anos seguintes.

Em 1964 foram quatro casos de mortes no campo foram registrados, Benedito Serra, presidente da União dos Lavradores da Zona Bragantina. Preso no município de Castanhal foi levado pelos militares para Belém, sob acusação de pertencer ao PC do B. Teve sua morte anunciada no dia 18 de maio. Os outros três foram, Pedro Alves Monteiro, do município de Viseu, Antônio da Silva de São Miguel do Guamá e um sem identificação morador de São Geraldo do Araguaia.

Em 1965 ainda no Pará, foram registradas as seguintes mortes: Manoel Lopes Luís, morto em Paragominas. Pedro Gomes da Silva, morto em Moju. Já no ano de 1967 foram mortos José Nogueira de Farias no município de Santo Antônio de Tauá e Reinaldo Costa em Santarém. Em 1968 foi registrado uma morte de José Alves da Silva em Irituia. Em 1969, mais uma morte foi registrada, sendo do lavrador Enoque Manoel Dias no município de São João do Araguaia.

No ano de 1970, outra morte, sendo do lavrador Felipe Ferreira Duarte no município de Alenquer. Em 1971, dois assassinatos, o primeiro de Orvanito Ferreira no município de Alenquer e um colono não identificado em São Domingos do Capim. No ano de 1972, três mortes, sendo as seguintes: Olavo da Cruz do município de São Domingos do Capim, Severino de Souza da vila de Rondon.

Em 1973, treze assassinatos, sendo os seguintes: Raimundo Ferreira do Vale, trabalhador rural morto em São Domingos do Capim. Thomaz Pereira Fernandes, morto

no município de Viseu, Floriano de Souza Oliveira, morto em Marabá, Manoel Silva Morais morto em Tomé-Açú, Ramiro Teodoro da Silva morto na localidade de Rio Branco. Silvino Ferreira Mascarenhas, morto em São José do Araguaia, Francisco Moura Leite, morto em Conceição do Araguaia. Evaristo Caldeira e José Caldeira (pai e filho) mortos em Portel, Carlos Augusto Dantas Mameços, morto em Castanhal, José Alves da Costa, morto em Conceição do Araguaia, Dernevaldo Nunes dos Santos, morto em Paragominas, Valdir Ribeiro morto em Santana do Capim e Maria, dez meses de idade, morta em Xinguara.

Em 1974, número de mortes foi de nove, sendo os seguintes: Carlos do Espírito Santo, morto em vila de Rondon, Luiz de Souza, morto em Santo Antônio do Tauá, José Sinval dos Santos Maia, morto em Barcarena, Antônio José da Silva, morto em vila do Rondon, Manoel Andrade Ribeiro, morto em Marabá, Wilmar Oliveira da Silva, morto em Tucuruí e Quatro pessoas (sem identificação), mortos em Conceição do Araguaia.

Em 1975, o número de mortos diminuiu, sendo os seguintes: Antônio de Souza, em Altamira, Antônio dos Reis e Silva e Honório Vieira Ramos, mortos em São Domingos do Capim, Pedro Martinho de Oliveira, em Moju e duas crianças em Xinguara. Em 1976 foram oito mortos: Alfredo Silva na vila de Rondon, Francisco Adalberto Gomes, em Capanema, José Gomes da Silva em São Domingos do Capim, Pedro Morais da Silva, em Marabá, Dois posseiros não identificados em Paragominas, Gumercindo Gomes Monteiro em São Geraldo do Araguaia, Antônio Cardoso Silva em Paragominas e um posseiro não identificado morto em Água Branca.

Em 1977 foram registradas seis mortes no campo, sendo os seguintes: Sebastiao Martins Coelho em Santa Luzia, Wilson Ribeiro Magalhaes em Conceição do Araguaia, Vicente do Nascimento Marinho, em Conceição do Araguaia, Porcelino Francisco dos Santos Francisco José da Silva mortos em Conceição do Araguaia, Antônio Soares Rosa em Tomé-Açú e Antônio Soares da rocha em Tomé-Açú.

Em 1978 foram mortos os seguintes: Alberico Lopes, de Irituia, Eldo Cavalcante Correa, de Bujaru, Manoel Feitosa, morto em Marabá, Benedito Rodrigues da Conceição, morto em Bagre, José Oliveira, em Santarém, José messias dos Santos morto em São Francisco do Pará e José Clemente da Silva, morto em Capitão Poço.

Em 1979 foram doze homicídios relacionados a questão da terra. Valdeci José Machado, morto em Conceição do Araguaia, Uma criança, morta em Soure, Três posseiros não identificados, mortos em Jacundá, Antônio de Souza morto em Moju, Raimundo Dias Correa, morto em São Domingos do Capim, Paulo, morto em Moju,

Vilson Coelho Leal, morto em Bujaru, Geraldo Norato de Paula, morto em Marabá, João Mesquita Moreira, morto em Xinguara, Miguel Soares da Costa, morto em São Caetano de Odivelas, Francisco das Chagas da Cruz, morto em Tucuruí e Ananias, morto em São João do Capim.

Como se pode observar, o número de pessoas assassinadas no campo paraense no percurso dos anos de 1964 até 1980 foi de uma intensidade surpreendente. Os dados mostram que o estado do Pará foi um dos campeões em mortos nestas quase duas décadas. É possível observar que desde o ano de 1964, em todos os demais, houveram algum tipo de vítima no campo paraense.

Airton dos Reis Pereira (2015), procura demonstrar como se deram vários conflitos no Pará, principalmente na região de ocupação e colonização ligados a rodovia Transamazônica pelos governos militares, principalmente através de órgãos como o Getat, Incra, e que atraiu latifundiários, fazendeiros, bancos, multinacionais, pistoleiros, criando um caos nestas áreas.

Questões complexas foram vivenciadas em grande intensidade nas regiões sul e sudeste do Pará. Grandes projetos de mineradoras, hidrelétricas, criação de gado se estabeleceram nesta parte da Amazônia e transformaram estas áreas em um ‘campo de batalha’. Expropriação de terras devolutas, de comunidades tradicionais como quilombolas, indígenas e de moradores que habitavam a área há muito tempo foram ‘apossadas’.

Deusa Maria de Sousa (2011), em sua tese, relata o caso de famílias que lutam para ter alguma notícia de entes queridos. Durante os anos de 1972, vários jovens foram para a região do sul do Pará na década e ali participaram da Guerrilha do Araguaia e provavelmente foram mortos e seus corpos nunca foram encontrados.

A década de 1980, é sem dúvida a que mais possui registro de violência no campo. Como já mencionado anteriormente, o livro de Ronaldo Barata (1995), demonstra claramente este fato quando nos mostra que só no ano de 1987, foram 66 mortos em disputas pela terra no Pará, incluindo os nomes do advogado Paulo Fonteles na região metropolitana de Belém e Virgílio Serrão Sacramento em Moju.

Em 1988, ocorreriam 33 mortes, entre elas do então advogado e deputado estadual João Batista, quando chegava em seu apartamento, no centro de Belém. Este episódio, bem como do assassinato de Paulo Fonteles e Virgílio Serrão em Moju, mostrava a ‘audácia’ dos criminosos, sem nada temerem para cumprirem suas tarefas mandando de alguém (BARATA, 1995).

O caso de Paulo Fonteles apresentado por Luís Maklouf (1994) e Lúcio Flávio Pinto (2014). Na primeira obra, o autor, refaz a trajetória de vida do então ‘advogado do mato’, como era conhecido o ex-deputado. No segundo, é retratado a história do informativo chamado Jornal Pessoal, criado em 1987 como decorrente da morte do ativista que resultaria em um trabalho de investigação pelo autor do jornal.

Outro defensor dos trabalhadores rurais morto no Pará, mais precisamente na capital paraense, foi João Batista, advogado e no momento da sua execução, era deputado constituinte. Por conta desta intransigente luta e seus discursos na assembleia legislativa do Pará, incomodava os latifundiários. No livro escrito por Pedro César Batista (2017), é apresentado sua biografia de vida, retratando sua história de luta como advogado, os atentados que sofreu, até sua trágica morte.

No sul do Pará, diversos casos são conhecidos nacionalmente e internacionalmente, como dos líderes sindicais João Canuto e Expedito Ribeiro. Ricardo Rezende (1993), destaca estes e outros casos de mazelas e desmandos de latifundiários, fazendeiros com o uso da pistolagem cometiam diversos crimes, ente eles assassinatos, como foi o caso dos dois líderes sindicais, Joao Canuto em 1985 e Expedito Ribeiro em 1991.

Da morte do líder sindical em Moju, Elias Sacramento (2012), procurou mostrar a trajetória deste homem, que saiu do lugar de origem, Limoeiro do Ajuru em fins dos anos de 1960, passando pelo município de Tomé-Açu, até chegar no município mojuense, onde viveria a experiência dos movimentos sociais, comunidade de base, partido político até se tornar presidente do sindicato dos trabalhadores rurais e sua morte em 1987, deixando uma viúva e onze filhos.

No bojo de ‘lembrar para não esquecer’, o autor, tem apresentado diversas publicações que procuram retratar a história e a memória deste homem, que marcou sua época, sobretudo da década de 1980 em Moju. Pode se observar em Sacramento (2015), (2022), (2024) como é a memória do líder sindical Virgílio Serrão Sacramento.

Memória de Virgílio Serrão Sacramento por seus filhos

A história dos familiares de Raimundo Ferreira Lima, o ‘Gringo’, Benedito Alves Bandeira, o ‘Benezinho’ e Paulo Cesar de Lima Fonteles, foi descrita na tese de doutorado por Sacramento (2020). Neste trabalho, o autor procurou rememorar a memória dos familiares destas três lideranças sindicais assassinadas no Pará. ‘Gringo’ em

28 de maio de 1980, ‘Benezinho, em 04 de julho de 1984 e Fonteles no dia 11 de junho de 1987.

No trabalho, o autor procurou enfatizar a memória destes familiares, procurando observar as recordações, sentimentos, dores, traumas, orgulho, entre outros presentes em cada filho ou filha. Foi possível observar em diversos momentos uma angústia pela falta de justiça nos casos mencionados, falta de reparação do estado, tristeza pela ausência paterna em alguns, mais também em outros, um sentimento de alegria, por saber que os pais tiveram uma importância significativa na história, sobretudo ligada aos movimentos sociais.

Ainda segundo Sacramento (2021), este autor recupera sua lembrança para falar de sua história de vida em dois momentos, o que antecedeu a morte de seu pai, Virgílio Serrão Sacramento e posterior a este acontecimento. O autor destaca, que antes, quando o pai estava presente, havia um modo de vida na família, mesmo com certas dificuldades no lugar onde moravam, o interior de Moju, onde praticavam a agricultura de subsistência.

Pós-morte do pai, Sacramento nos mostra que a situação ficou difícil. Sem a presença paterna, as dificuldades aumentaram. A motocicleta, transporte que levava os filhos para os estudos na cidade, ficou danificada no momento do atropelamento. Muitos outros problemas relacionados a perda do pai se materializaram no decorrer dos anos seguintes.

Em Moju, quando de morte, em 05 de abril de 1987, Virgílio Serrão Sacramento tinha 44 anos de vida. Havia sido presidente do STR entre os anos de 1983 a 1986 e era membro da Central Única dos Trabalhadores (CUT/PA), da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado do Pará (FETAGRI/PA), do Partido dos Trabalhadores (PT), além de Agente da Comissão Pastoral da Terra (CPT), e animador de sua comunidade São Pedro, na vila do Sucuriju.

Ao participar de uma assembleia do sindicato neste dia, junto com sua esposa e o filho José Dorival, o mais velho, e a caçulinha Noemi, que tinha seis meses, ao retornar para sua casa depois do almoço, lembrou que havia esquecido sua agenda e retornou para buscá-la e comprar a janta. No retorno, por volta das 16:00 horas, a um quilometro de sua casa, um caminhão o atropelou, causando a morte instantânea.

A morte do líder sindical gerou uma comoção no município mojuense e na região. Seu velório teve um grande número de pessoas presentes, com muitas homenagens. Telegramas foram enviados por representantes de diversas entidades,

políticos. Dois meses depois, no dia 25 de julho, ocorria a primeira romaria da terra em Moju, onde calculou-se terem comparecido mais de duas mil pessoas, quando colocaram um cruzeiro de aproximadamente três metros próximo do local de sua morte.



Figura 1: Matéria do jornal A Província do Pará sobre um conflito da empresa universal e lavradores em Moju – Virgílio o primeiro da esquerda. Fonte: Arquivo Pessoal.



Figura 2: Missa de corpo presente de Virgílio Serrão Sacramento – Ao fundo filhas pequenas conversam. Fonte: Arquivo Pessoal.



Figura 3: 1ª Romaria da Terra em Moju em homenagem ao líder sindical Virgílio Serrão Sacramento.
Fonte: Arquivo Pessoal.

Após estes momentos, houve uma celebração de um ano de sua morte com uma missa na cidade de Moju. Depois, houve uma pausa nas homenagens, ocorrendo outra nos seus dez e onze anos, ainda na cidade de Moju. Apenas, a partir de 2007, novas celebrações aconteceriam para não deixar a memória cair no esquecimento. Alguns desses momentos foram registrados, principalmente dos familiares, como nos vinte e nove anos de sua morte, como veremos a seguir, da então filha mais velha, Maria Dinalva,

Bom dia a todos, aproveitando aqui a turma das Marias que estão falando, as mulheres fortes, guerreiras, batalhadoras, lutadoras, principalmente aqui a dona Maria dos Reis, a viúva do seu Bena, muito forte, e é um exemplo de mulher, realmente forte, guerreira. E aqui representando, a filha mais velha do Virgílio, que quando ele se foi, eu tinha completado dezoito anos, tinha terminado o Magistério, tinha um sonho pela frente de trabalhar, ajudar, de ser professora, de ajudar a família, mas junto com ele, por que ele deu todo o apoio pra nós, pra que nós estudássemos. Ele sempre deu essa força, “eu quero que meus filhos estudem pra ser alguém na vida”. E hoje nós estamos aqui, graças a Deus, todos formados, graças a Deus, todos estudaram, e eu como uma das mais velhas, ajudei muito os menores a se formarem, ajudei muito (Emocionada). Contribui muito pra isso. Então naquele cinco de abril, eu estava num encontro lá pro Caeté, eu estava com minha amiga, a finada Izanilde, nós fomos pra lá pra um encontro de jovens, e eu não sabia do seu falecimento, do que tinha acontecido. Então no ônibus vinha todo mundo chorando e eu sem saber por quê, porque ela não quis me contar, e quando eu cheguei lá no trapiche de Moju, a irmã Rosa e a irmã Adelaide estavam lá me esperando né, pra me contar o que tinha ocorrido. Então pra mim naquele momento pra mim, foi um choque muito grande, a gente não espera que um pai ou mãe da gente se vá dessa forma trágica e pra mim, eu sai do chão, eu não fiquei em mim, eu nunca tive coragem de falar num encontro como esse aqui. É o primeiro momento que eu estou falando aqui, dessa minha experiência, sem ficar sem o pai de uma maneira tão trágica. Mas ele foi o exemplo nosso né? Ele sempre me levou pros encontros do alto Moju, do baixo Moju, nas comunidades. Eu comecei

muito cedo participando e isso me fortaleceu, me fez crescer e ser a mulher que eu sou hoje em dia, de ter essa força dentro de mim, essa garra por que meu pai e minha mãe, que tá ainda aqui viva me ensinou e logo depois minha mãe constituiu outra família, o seu Pedro, um grande exemplo de homem, e que nos deixou. E a vovó Ana, que sempre esteve conosco nesse momento e que nos deixou e vai fazer um ano agora da sua partida e ela deu muita força pros seus netos e nós somos exemplos da vó guerreira que ficou viúva e deixou filhos e netos, bisnetos, tataranetos. Mas assim, nós continuamos, e aqui tá o exemplo de família unida que venceu juntos e hoje nós temos filhos, sobrinhos. Eu não tenho filhos, eu com meu marido. Nós vamos fazer dezoito anos de vivência juntos, mas nós não temos filhos. Mas temos nossos sobrinhos. A mamãe já tem bisnetos e tá chegando mais um agora, em dezembro o filho do Dorival, mais um e assim a família continua crescendo. Daí nós só temos a agradecer o apoio da comunidade do Sucuriçu, das outras comunidades, todas as pessoas que estão aqui pela primeira vez, sejam bem vindas e continuem fazendo parte aqui da Fundação, celebrando este momento conosco. Muito obrigado. (Maria Dinalva, depoimento em 05 de abril de 2016).

Maria Dinalva, era uma das sete filhas mulheres, de Virgílio Serrão Sacramento e Maria do Livramento Diniz Sacramento, a mais velha. Como morava em Santana no Amapá desde o ano de 1996, trabalhando como professora, quase não conseguia vim participar destes momentos em Moju. Neste ano de 2016, conseguiu participar, e como se pode observar, seu depoimento foi carregado de emoção, uma vez que seu relato era de que ‘nunca tinha feito uma fala ali’. No entanto, ao narrar como soube da morte do pai, um dia depois, já no momento do velório, foi uma dor maior.

Na década de 1980, a situação logística em Moju ainda era muito precária. Não existia o complexo da alça viária, com as pontes que seriam construídas anos mais a frente, em 2001. Então, ir para Belém por exemplo, somente pela estrada que interligava ao porto do Arapari, e também ir para as comunidades, era outra dificuldade. Quando se chegava, precisava pegar um pequeno barco e ‘atravessar’, aportando no trapiche municipal, quando na memória da filha mais velha, lá estavam as freiras Rosa e Adelaide lhe aguardando para contar a triste notícia.

Maria Dinalva, como mencionou, quando da morte do pai, já era formada no Magistério e como descreveu, ajudou os irmãos menores, dando apoio, para que também não passassem tantas dificuldades e por isso acabou sendo uma ‘segunda mãe’. Infelizmente, neste mesmo ano de seu testemunho, no dia 21 de julho, passando férias na casa da mãe no município mojuense, viria a falecer, vítima de um infarto fulminante.

Ainda da celebração em 2016, outros depoimentos de filhos e da esposa de Virgílio foram mencionados, como da caçula Noemi, Virgílio, Dorival e Maria do Livramento, a viúva, vejamos a fala da caçulinha,

É a primeira vez que eu falo, e apesar de não ter conhecido meu pai, eu agradeço a ele todos os dias, apesar dele não estar presente comigo, mas ele continua me abrindo portas, e isso é incrível. Eu estou fazendo um trabalho e todas as vezes que eu chego nos lugares,

quando eu falo o nome dele, de quem eu sou filha, as portas se abrem, as pessoas me abraçam e é outra recepção. E eu acredito assim, eu não tive o prazer de ter conhecido fisicamente, mas a alma e o espírito continuam sempre me protegendo onde quer que eu vá. Esses dias eu tive o prazer de participar do Congresso dos Trabalhadores Rurais de Tomé-Açu, e as vezes eu até não quero falar, ‘olha, eu sou filha do Virgílio, do sindicalista, mas quando eu falo, as pessoas me olham emocionadas e a filha do Benezinho veio falar comigo depois do congresso e disse, ‘muito bom que você estudou e que você está aqui, e que é possível os filhos dos trabalhadores rurais estudarem sim do que as pessoas que estão na cidade, do que as pessoas que tem dinheiro’. Então pra mim é uma emoção muito grande toda vez que eu estou aqui presente e é a primeira vez que eu consigo falar aqui e me expressar. Muito obrigado a todos. (Noemi, depoimento em 05 de abril de 2016).

Observando a fala da filha ‘caçulinha’, quando não consegue esconder a emoção por não ter conhecido o pai, mais ainda assim, demonstra o orgulho que sente, sobretudo quando as pessoas mencionam que o conheceram, e isso a deixa alegre, contente. Sua memória ao relatar o encontro dos Trabalhadores Rurais do município de Tomé-Açu, quando encontrou a filha de Benedito Alves Bandeira, o ‘Benezinho’, líder sindical, que havia sido morto em 1984, três anos antes da morte do líder sindical mojuense. Como mencionado, pela filha Noemi, esta cursou a universidade, fez Agronomia, no então campus de Marabá da Universidade Federal do Pará.

Muitos foram os casos de familiares de lideranças sindicais assassinadas no estado do Pará que sucumbiram ao anonimato, ficaram esquecidos. Poucos foram os que conseguiram concluir os estudos, o ensino fundamental e o ensino médio e até um curso superior. Dos onze filhos de Virgílio, dez conseguiram este feito. O mais velho, Dorival formou-se no curso de Matemática; Maria Dinalva cursou Geografia; Edna cursou Sociologia; Sandra, cursou Pedagogia; Elias, História; Lourdes, Pedagogia; Marlene, História; Ilene, Pedagogia; Virgílio, Pedagogia e Noemi, já mencionado, tornou-se agrônoma. João Agnelo formou em Técnico Agrícola pela então conceituada Escola Agrotécnica Federal de Castanhal.

Vejamos agora o depoimento do filho mais velho Dorival,

Bom dia a todos e a todas, como já foi aqui repetido, gostaria de agradecer a presença de todos vocês. Acho que esse momento aqui pra nós tá sendo um momento impar aqui nas nossas vidas, e eu fico muito feliz quando eu chego aqui e vejo pessoas que conviveram com o Virgílio na época e após a partida dele eu me escorei pra tentar continuar nessa luta. Tá aí o Aldenor, o Zé Cicero e outros que tão por aí, o Messias, o Messias que foi um grande batalhador. Sinto falta de alguns que não estão aqui por algumas situações, o seu Eugenio que também foi um grande incentivador pra gente. O Armando Alves que também já se foi e outros e outros. O pessoal do seu Edgar que no ano passado esteve aqui, mas não está mais, espero que no ano que vem ele esteja de novo e pra gente, pra mim é isso. Eu pensei que ia chegar aqui e ia ver poucas pessoas, ‘ah, as pessoas estão desmotivadas com o dia 05 de abril’. Mas não, não é verdade, tá aqui em peso, mais do que no ano passado e isso pra gente é importante, pra que cada ano seja mais fortalecido, que venham mais pessoas, que as pessoas acreditem nesse passo que nós estamos dando,

temos a presença da irmã que está lá atrás, escondidinha e logo logo ela estará aqui dando o seu recado, tá. Muito obrigado pra vocês, e aguardamos que no próximo ano vocês estejam conosco, obrigado tá. (José Dorival. Depoimento em 05 de abril de 2016).

Na fala do filho mais velho de Virgílio, José Dorival, é possível ver suas lembranças mais nostálgicas, uma vez que sendo o primogênito, foi o que mais teve convivência com o patriarca. Assim, é possível perceber em suas palavras, as referências aos outros homens, que foram ‘contemporâneos’ a luta pela terra em Moju, inclusive relembrando dos que também já haviam falecido, do senhor Eugenio, um morador da vila do Sucuriju, e o Armando Alves, que nos anos de 1990 também viria se tornar presidente do STR mojuense.

Dorival também fez questão de enfatizar, que mesmo, tendo passado vários anos da morte do líder sindical, as pessoas sempre estiveram presentes, não desanimaram, sempre foram prestar homenagens para aquele que foi muito importante na defesa da luta pela terra em favor dos que mais precisaram. E assim, ano pós ano, depois de 2016, as homenagens continuaram e continuam.

Já a filha Marlene, de poucas palavras conseguiu se expressar nas celebrações do trigésimo assassinato do pai, em 2017. Ao lado da sepultura, no cemitério municipal, Marlene Sacramento, assim declamou uma poesia,

Pai, trinta anos de saudades. A exato trinta anos Que Virgílio nos deixou. Homem guerreiro e decente Que viveu com garra e amor Deixou como exemplo Que devemos respeitar Principalmente, a mãe terra Que é nossa morada, nosso lar Virgílio lutou pela terra Em favor dos oprimidos Para que estes tirassem dela O sustento de suas famílias Famílias que eram expulsas De suas terras os posseiros Virgílio tomava frente Era um grande líder, um guerreiro Homem forte e destemido Que por seu povo lutou	Dando sua própria vida Como prova de seu amor Mas agora como filha Quero um recado deixar Tua partida foi sentida Principalmente em nosso lar O lar de tantas crianças Que órfãos agora estão Chorando a tua ausência Clamando por tua mão Onze filhos sem o pai Na luta por sobrevivência Com tão pouco resistiram Blindados pela inocência Agradeço aqui a Deus E a minha mãe, Maria do Livramento Mulher forte e corajosa Que não nos deixou faltar alimentos	Alimentos para o corpo E também para o espirito Nos ensinando os valores Firmados por Jesus Cristo Por tantas vezes chorei de revolta De mágoa, dos que tiraram sua vida Mas como pessoa de bem Busco compreender sua partida Pois sei que tiveste um propósito Aqui neste plano terreno Cumpriste com grande louvor Deixando os ensinamentos Onde quer que esteja agora Receba minha homenagem Meu pai, mártir da terra Símbolo de extensa coragem
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

A poesia de Marlene, a oitava filha de Virgílio, apresentou sem dúvida, uma mensagem muito emocionante. Palavras descritas em forma de poema, expressando seu sentimento de orgulho, raiva, mais também carinho e amor por aquele que não conseguiu viver e

conhecer seus filhos, principalmente os menores, como ela, que devia estar com seis anos de idade.

Já para o então filho caçula, Virgílio, ou Virgílinho, como era chamado, com seu depoimento mais espontâneo, sempre trazia um misto de saudades, mais também com um certo sarcasmo ou ironias, assim contagiava com suas palavras, como se pode observar,

Tô com a garganta um pouquinho ruim e por isso eu vou falar pouco. É que eu gosto de falar muito. Então, bom dia a todos. Pra quem ainda não me conhece, eu sou Virgílio Sacramento Júnior. Eu sou filho dessa senhora baixinha aqui, e sou o mais bonito também. Eu quero começar essa minha fala com uma reflexão pequenina. “Pedro viu a uva”, dizia os antigos manuais de alfabetização. Veio um senhor na década de 60, já nos finais dos anos de 1950, chamado Paulo Freire que também já nos deixou, e que dizia e que disse depois, que “Pedro viu a uva”, e que somente essa frase que dizia os manuais antigos de alfabetização, que Pedro não viu somente a uva, por que ali havia cultura, ali havia mãos que trabalharam numa terra, seja ela com que destino fosse pra servir uma indústria, ou fosse pra servir um prato pra alimentar os filhos de suas casas. Essa mesma uva pode ser a mandioca, aqui da nossa região onde os trabalhadores vendem suas terras para o agronegócio e que devemos perceber, assim como Paulo Freire e que abria os olhos daquelas pessoas, primeiro lá em Angicos, no Rio Grande do Norte, onde alfabetizou mais de trezentos camponeses em pouco mais de seis meses, que a cultura, também ali está inculto um outro valor muito grande, e que Virgílio e outros mártires da terra nos deixaram, que é o amor, o amor de trabalhar com a terra de criar seus filhos e incentivá-los no caminho certo, no caminho do bem, no caminho da passagem. Como disse hoje o padre Paulinho, da passagem de algo que você está fazendo de errado para algo bom, de algo que você está fazendo diminuta em sua vida para algo desenvolvido em sua vida, de algo que você sai do egoísmo para a comunhão. Como disse o padre Paulinho, hoje é dia de festa, não é dia de tristeza, hoje é dia de páscoa, dia da passagem da morte para a vida como nos legou Jesus Cristo, o maior. Meu irmão Elias, esses dias nos delegou uma missão, e eu fiquei sem pé, sem chão, sem saber o que fazer e todo dia chegava meu email, chegava no facebook, chegava no zap zap dizendo pra nós, que rememorássemos a memória do nosso pai Virgílio. “O que que eu vou escrever, se eu tinha apenas três anos quando ele se foi, quando ele fez a passagem da morte pra vida”. Mas lembro-me que quando estava na PJ aqui no Moju, nos finais dos anos 90 e com Jeferson, outros amigos, o Antônio, nós criamos o MOJUM, Movimento Juvenil Mojuense e depois se disso, e infelizmente, e andávamos nas comunidades, nos retiros pelos Alto Jambuaçu, pelo Tambai-Miri e como a Noemi falou ainda apouco, todos conheciam a figura do Virgílio. Escrever sobre a memória de Virgílio, de minhas próprias palavras eu não vou ter, ainda apouco o tio Manoel me ajudou com alguma coisinha, que eu nem sabia que eu tinha falado...e tia Naza também falou algumas coisas...e a respeito desse valor a vida, desse valor a terra, eu quero compartilhar com vocês uma preocupação da CPT de Macapá que saiu lá no Fantástico, da minha amiga Rede Globo, é a minha amiga Rede Globo. Só que não. Que a última fronteira agrícola a ser expandida na região norte é o estado do Amapá, a última fronteira agrícola da soja a ser expandida será o estado do Amapá. Em escutas telefônicas foi visto isso. Devemos pedir a Deus nesse momento que os males que estão sendo causados na nossa rica Amazônia e em toda a América Latina, que Deus possa iluminar as autoridades, nós mesmo pra lutar contra esses males que nos assolam a cada dia. E pra lembrar, hoje é páscoa, é vida, é alegria. Tá bom, feliz páscoa a todos nós.

Nas palavras de Virgílinho, carregadas de simbologias, marcadas pela dor de não ter conhecido o pai em vida, também há presença marcante do saber adquirido como estudante, como leitor e sobretudo, como fazer a interpretação do mundo. Com sua fala

em tom de ironia, referindo a sua mãe, como uma senhora ‘baixinha’, o como se intitulado o mais ‘bonito’, conseguia deixar o ambiente mais alegre.

Mais também denotava preocupações em relação aos problemas cotidianos, principalmente voltados para a questão do agronegócio, da agricultura familiar, em tempos da chegada da tecnologia no meio rural, quando aparentemente muitos jovens começavam a deixar de ‘gostar’ mais dos trabalhos voltados para a produção da farinha de mandioca, por exemplo. Outra preocupação também estava relacionada ao avanço da fronteira agrícola no estado do Amapá, onde já vivia desde o ano de 2006.

Virgílinho ainda retornaria no ano seguinte para a celebração dos 30 anos do martírio do seu pai, momento que seria marcado por três dias de comemorações, com homenagens na câmara de vereadores, STR, igreja matriz, comunidades e a tradicional caminhada do cruzeiro onde foi morto até a casa onde morava, como é possível observar no depoimento para a ‘oitiva’ da comissão Estadual da verdade do Pará, coordenada naquele momento pelo membro, Paulo Fonteles Filho, o ‘Paulinho’. No dia 12 de junho deste mesmo ano, um homem desequilibrado lhe tiraria a vida em Macapá, onde era professor, havia dez anos. Virgílinho tinha 33 anos de idade.

Ainda deste dia de celebração em Moju em 2016, Maria do Livramento, a esposa do líder sindical, também deixaria um depoimento,

Bom dia a todos, a gente sabe que todos os anos a gente tá aqui, e tá muito bonito. E a gente só temos que agradecer. Tem muita gente, graças a Deus, e como diz a comadre, só temos que agradecer a Deus e depois os Mártires. Aqui tá o Virgílio, tá o seu Bena, e o momento de agradecimento por Deus. Hoje é um domingo de páscoa. Nossa páscoa, a páscoa da ressurreição, que também os mártires tudo ressuscitam né, que estão no nosso meio, e pra mim é um dia muito importante por que eu estou com todos os meus onze filhos (emocionada). Eu queria que levantassem todinhos, e que são frutos do amor desse mártir aqui. Então eles trabalharam muito em cima dessa terra, servindo o povo humilde, trabalhador rural de Moju e de outros municípios, eles gostavam muito de colaborar com outros municípios, com os sindicatos, com as pastorais sociais em todos os lugares. Então pra nós é um motivo de só agradecer a Deus por eles, por tarem junto conosco aqui. A então, pelos meus filhos também, quero agradecer muito a Deus por eles também (emocionada e palmas dos presentes) (Maria do Livramento. Depoimento em 05 de abril de 2016)

Maria do Livramento e Virgílio, foram casados por quase vinte anos. O matrimônio se deu em 1968, na cidade de Limoeiro do Ajuru, no estado do Pará. Tiveram doze filhos, a quarta, Maria de Nazaré, faleceu alguns dias depois de seu nascimento com problemas de saúde, no município de Tomé-Açu, por volta do ano de 1970. A memória da esposa, carregada de saudade, era um símbolo do amor e companheirismo que viveram por quase duas décadas.

Mesmo depois da morte do esposo em 1987, quando ficou viúva com 39 anos de idade, e tendo vivido outro relacionamento com o senhor Pedro José de Araújo Brício, Maria do Livramento nunca esqueceu do primeiro marido, não só pela vida que tiveram, mais também pelo engajamento. Depois da morte, esta continuou também como liderança sindical, política, ativista, defensora dos trabalhadores rurais, animadora de comunidade. Por isso, quase sempre suas palavras eram carregadas de emoção.

Com muitas dificuldades, Maria do Livramento conseguiu ‘criar’ todos seus filhos, pois como já mencionado, estudaram, buscando uma formação. Nove dos onze filhos se tornaram professores. Com o último esposo, não tiveram filhos, mais viveram uma vida de amor, respeito e companheirismo, tendo o senhor Pedro José de Araújo Brício assumido o protagonismo paterno para os mais novos, sobretudo para Noemi e Virgílinho. Em 2011, vítima de um problema de saúde, ‘seu’ Pedro, como era carinhosamente chamado pelos filhos adotivos, faleceu aos 57 anos de idade.

Outra memória descrita nas homenagens ao pai, é da filha Sandra Regina,

Das muitas coisas, do meu tempo de criança, guardo vivo na lembrança, tanta coisa boa! A vida em família era dura e maravilhosa ao mesmo tempo. A segurança de estarmos juntos com nosso pai e nossa mãe não tem como descrever. As conversas eram diferenciadas porque nosso pai trazia livros bons, da luta sindical, da política, do Evangelho vivo e lia conosco ou pedia para que um de nós, seus filhos lêssemos. Havia um, eu me lembro bem, onde havia a figura de um grande tubarão perseguindo vários cardumes de peixinhos, no outro quadrinho esses peixinhos numa reunião se organizavam e no terceiro quadrinho esses peixinhos botavam o tubarão para correr. Amávamos a forma como ele explicava para nós, a vida como ela é dividida em classes. A vivência em comunidade eclesial de base é a melhor parte. Ele e nossa mãe nos levavam para a Missa, para o culto na Comunidade, para as procissões, via sacra, Domingo de Ramos, procissão do Encontro na Sexta-feira Santa. E cantava, cantava os cantos, lembro bem, "a classe roceira e a classe operária, ansiosas esperam a reforma agrária, sabendo que ela será a solução para a situação que está precária", e, "Quando o Espírito de Deus se move em mim, eu luto como o Rei Davi". Essa parte ele cantava alto. Posso ouvir ainda hoje a sua risada. Posso escutar sua voz proclamando o Evangelho na capelinha da Comunidade. Posso sentir seu medo cada vez que a morte bateu por duas vezes, e mais ainda posso sentir sua coragem e sua bravura nos relatos de minha mãe, com quem nas conversas dizia sempre para nunca se desfazer da terra e sempre incentivar os filhos a estudar. Posso sentir sua alegria pelo nascimento de cada um de nós seus filhos e pelas vitórias alcançadas nas lutas. Posso escutar os seus passos quando o vi saindo pela última vez naquela manhã de 5 de abril de 1987. Posso vê-lo em cada um e nas pequenas coisas. Eu vejo você, pai. Obrigada! Ainda estamos aqui e vocês estão aí, no céu com o Cristo que nos ensinaste a amar. (Sandra Sacramento. Depoimento em 05 de abril de 2016)

O texto acima, da filha Sandra Regina, cheio de emoção ao lembrar do pai é muito importante para descrever o sentimento de alguém que ao mesmo tempo que vive a dor da perda, sente a saudade, mais também sente alegria, orgulho por ter tido a convivência que marcou sua infância com recordações das ações do pai, sobretudo pelo

‘ensinamento’, pelo incentivo que dava, para que a mãe não vendesse a terra que haviam adquirido com muitas dificuldades. Mais também para que estudassem, como já mencionado, todos cumpriram este dever.

Lourdes Diniz Sacramento, a sétima filha de Virgílio, sempre foi a mais tímida para falar nos momentos das celebrações. Sempre ‘travou’. No entanto, no ano de 2020, mais precisamente pelo dia dos pais, escreveu uma poesia em sua homenagem e publicou nas redes sociais, como está descrito abaixo,

Esse homem muito incrível	Espalhados pelos ares.
Pai de 11 filhos	Virgílio está presente
Soube dar muito amor, atenção e carinho.	Em cada posseiro
Mas era uma pessoa diferente	Em cada assentado
Tinha amor por demais	Em cada um de se seus filhos
E por isso resolveu compartilhar	Que com muito orgulho
Muito além do seu quintal	Se sentem abençoados
Quando viu muitos irmãos sofrerem	Por terem tido
Por ameaças e expulsão	O maior herói
De suas tão amadas terras	O melhor pai que um filho poderia ter!!
Herdadas de gerações.	Obrigada meu pai por ter me gerado
Se juntou a uns amigos	
Que tinham os mesmos ideais	
E seguiram rio acima,	
Adentrando os ramais	
Conquistando muitos lavradores	
Com sua voz firme e verdadeira.	
Rapidamente os grandões	
Se sentiram ameaçados	
E como ele não tinha medo	
Enfrentou o delegado	
E por desacato a autoridade,	
Foi até encarcerado.	
Cada retorno a sua casa	
Era uma festa só	
As crianças disputavam	
O primeiro a tocar	
Em sua mão calejada	
De muita luta e ardor	
E sentir aquele abraço repleto	
Cheio de amor.	
Os filhos mais velhos	
Se sentavam a escutar	
As novidades das lutas e conquistas	
Estampados muitas vezes em seu rosto	
Com sonhos de dias melhores.	
Virgílio foi perseguido	
Enfrentou todos com altivez	
Mas em uma certa covardia	
Não houve tempo a defender	
Seu corpo ficou lá	
Esmagado no asfalto	
Porém seus ideais	

O poema da filha, Lourdes Sacramento, traz uma memória importante, apesar de sua pouca idade quando da morte do pai, não deixa de ser uma ‘carta de agradecimento’ por tudo que este fez, pelos trabalhadores rurais, mais sobretudo pelo pai carinhoso, amoroso que foi. Nas palavras da filha, que quase sempre não consegue se expressar nos momentos de homenagens que são prestados ao ‘herói’, na forma de escrever a poesia, fluiu, e sua mensagem de amor conseguiu ser ecoada.

Já Edna, que sempre nutriu um carinho especial pelo pai, desde sua morte, sempre procurou falar, escrever poesias, mesmo adquirido problemas psicológicos pelo abalo da perda do seu genitor, nunca deixou de fazer os registros de gratidão e carinho, como se pode observar abaixo,

MEU PAI VIRGILIO - Nasci em 14 de junho de 1970. O único registro fotográfico que tenho com meu pai, é de um retrato onde devo ter de 2 a 3 aninhos, onde apareço com meus irmãos mais velhos Dorival e Dinalva - meu pai aparece uma parte de seu braço e sua mão me amparando. Porém, de memória são muitos os registros dos momentos partilhados e vivenciados em família: Nas conversas durante as refeições, ao anoitecer em nossas redes antes de dormir, no trabalho na roça, nos mutirões da coivara, capina da maniva, nas madrugadas em que saíamos as 3 horas da madrugada para fazer farinha no retiro e, ainda na capina do pimental, na adubação das pimenteiras, na colheita da pimenta do reino, na colheita de café; enfim, nos incontáveis momentos de risadas em que nos divertíamos com suas piadas e gaiatices. Meu pai tinha preocupação com nossa educação formal, por isso o incentivo de estudarmos e termos formação universitária, e também com nossa consciência crítica acerca das problemáticas sociais, pois sempre que podia nos levava ainda crianças e adolescentes às reuniões, seminários, encontros de CEBs, atos públicos, entre outros movimentos políticos, sociais e eclesiais. Eu me sentia feliz e honrada em dividir esses momentos com meu pai. Uma tarefa que me era particularmente atribuída era a de ser sua “leitora particular”. Quando chegava das viagens que fazia, das quais trazia livros, jornais, panfletos; era a mim a quem recorria para fazer a leitura (deitava em uma rede e eu lia com carinho até às vezes seu adormecer). Me sinto privilegiada por ter tido essa utilidade em sua breve vida, meu pai! De tudo o que passamos após o assassinato de meu pai, me restou ainda uma depressão severa, síndrome do pânico e ansiedade, que durante décadas me tiraram o sentido do meu viver. Hoje, após muitas terapias e orações, me sinto revigorada e privilegiada por ter convivido com o meu pai por quase 17 anos. Virgílio Sacramento, o teu exemplo continua nos inspirando. Parafraseando Eunice Paiva: “Nós vamos sorrir”. E continuaremos na caminhada por um mundo mais justo para todos. Seguiremos lutando e sorrindo. (Edna Sacramento - Em 30 de janeiro de 2025)

Ao observamos a fala de Edna, é possível perceber a saudade que ficou do seu pai, das muitas memórias que ficaram, diferente dos filhos caçulas, que pouco ou quase nada puderam guardar. Mais sua lembrança vai muito mais além, do pai incentivador, tanto nos trabalhos quanto para os estudos, quanto para as leituras que et fazia quando regressava das viagens. Depois do seu falecimento, como já mencionado, também a do ficou sendo tratada de muitas formas, como esta menciona, ‘terapias’ e ‘orações’.

Já para a penúltima filha, Ilene, moradora do estado do Amapá, apesar de não ter tido maior convivência, tinha quatro anos, e poucas lembranças, mais ainda assim, consegue fazer memória para o pai, como está no registro abaixo,

Sobre Virgílio Sacramento - Em minha memória aprendi que meu pai foi um herói, que morreu massacrado na PA-150 de Moju-PA. Entendi desde criança que existem homens maus. Aprendi que o luto dura uma vida toda. Aprendi o quão dolorido é ter um lar completo e de repente ser desfeito pela crueldade humana. Aprendi que a dor e o amor também podem ser construídos na ausência e que tem um peso maior, é solitário inclusive. Aprendi que Virgílio foi revolução, foi resistência, nunca desistiu de seus ideais, foi amigo, foi de luta, e sim, foi muito família. Hoje meu pai é memória, é história, é livro, nunca foi esquecido, hoje os que tramaram e atentaram contra sua vida e conseguiram não foram punidos, nem apresentados, seguem, tem suas famílias, são pais de família, porque a justiça não faz justiça quando não quer. Aprendi que fazer memória de Virgílio faz muita diferença, que a história de Virgílio continua, rompe barreiras, dá voz ao silêncio da ausência física, aprendi que cada dia é único e que quem tá hoje aqui, amanhã pode não estar. Aprendi a guardar na memória um cuidado de Virgílio ao permitir que eu comesse sentada em cima de uma mesa de madeira, que me carregasse no seu cangote, que me chamasse para o ver chegando do trabalho braçal do mato cheio de largatixa em sua roupa, uma maneira de diversão com seus filhos caçulas e que por essas lembranças a dor e o choro tomassem conta de mim no dia de seu velório. Essa memória não se apagou. Virgílio para mim, foi o herói da família, o homem de família, do campo e também de luta por justiça de igualdade e de direitos. O homem que poderia ter tido muitas conquistas e muitas alegrias. Que poderia ver seus filhos lhes dando orgulho, que poderia ver seus netos e bisnetos, mas que não foi lhe permitido continuar, porque Virgílio era ameaça, Virgílio teve visibilidade, carisma, homem do bem, que não calou diante as ameaças. Virgílio, meu Pai! (Ilene Diniz Sacramento Lima, 42 anos – Depoimento escrito em 31/01/2025)

Como se pode observar no depoimento de Ilene, apesar de poucas lembranças, há algumas recordações do seu pai. Ela que faltava dois meses para completar seus 5 anos, recorda do pai carinhoso, amoroso, ‘brincalhão’, principalmente quando chegava do trabalho, na agricultura e ali acontecia uma ‘festa’. Mais também se observa em suas palavras o significado da palavra ‘Virgílio’, para além da pessoa bondosa que era, para os outros, era diferente, Virgílio era ameaça, era um perigo, por isso provavelmente foi morto e os que cometeram tal ato nunca foram sequer apresentados a justiça. Essa uma dor da filha, dos demais.

Concluindo

Escrever sobre memória traumatizada não é fácil. Não foi diferente ao escrever sobre os familiares de Raimundo Ferreira Lima, o ‘Gringo’, Benedito Alves Bandeira, o ‘Benezinho’ e Paulo Fonteles na tese (2020). Como mencionado no início do texto, sou o sexto filho de Virgílio Serrão Sacramento e Maria do Livramento Diniz Sacramento. Os depoimentos acima são todos de irmãos, exceto do sétimo filho, João Agnelo, que não conseguiu expressar alguma memória. Os demais, mesmo carregados de emoções, permitiram demonstrar seus sentimentos,

alguns com maiores lembranças, outros menos, mais ainda assim, a sensação de orgulho pelo pai que tiveram.

Como no livro de Marcelo Rubens Paiva (2015), que deu origem ao filme “Ainda estou aqui”, que conta a história de Eunice Paiva, a viúva de Rubens Paiva, que depois de ser preso, torturado e morto pela ditadura militar em 1971, esta reuniu forças e conseguiu seguir adiante, mesmo naqueles tempos ‘sombrios’, difíceis. Conseguiu se formar, buscar uma profissão como advogada e continuar o legado da luta em defesa dos direitos humanos, sobretudo os indígenas.

A obra, demonstra como uma família com uma perda de um pai, líder ativista, político, consegue prosseguir na vida. Como fazer os enfrentamentos frente a todas as adversidades. Eunice é um exemplo claro disso. Mais também é importante recordar aqui, outro caso de violência sofrida no campo, como foi o caso de João Pedro, liderança das Ligas Camponesas, que ao ser morto em 1962, dois anos antes do golpe militar, deixou a esposa Elizabeth Teixeira com onze filhos e também passou a viver uma vida com muitas dificuldades, mais que também conseguiu superar muitos obstáculos.

O caso de Moju, da história do líder sindical Virgílio Serrão Sacramento, segue este roteiro. Trabalhador rural, animador de comunidade, liderança sindical neste município. Por suas defesas em favor dos trabalhadores, teve sua vida ceifada, deixando onze filhos órfãos, que passaram por muitas privações, sobretudo da ausência paterna, o carinho, o afeto, o amor. Mais também, como mostra o roteiro da obra que virou filme, conseguiram superar estas dificuldades, e hoje a maioria tem orgulho da história que se criou. Os filhos sentem a falta do pai, mais também o tem como um grande herói.

Chegar até aqui, não foi fácil. Como filho que sou, há um sentimento também de tristeza pela ausência do pai. Ler cada depoimento, da mãe, dos irmãos, poesias, é muito dolorido. Mais, penso que é necessário, mesmo que as vezes algumas lágrimas insistam em cair, é preciso enxugar e dar prosseguimento, escrever, falar, ler para as pessoas, para que entendam que fatos como estes que aconteceram, não se repitam mais, pois como diz o título do livro sobre o político Rubens Paiva, “também estamos aqui”.



Figura 4: Dinalva com sua mãe em 2015. Fonte: Arquivo pessoal.

Oitiva de Virgílio Diniz Sacramento Completo



Figura 5: Oitiva de Virgílio Diniz Sacramento em 2017. Fonte: Arquivo pessoal.



Imagem 6: Maria do Livramento com a mãe de Virgílio em 2009. Fonte: Arquivo Pessoal.



Imagem 7: Maria do Livramento com o deputado Bordalo em 2017 inaugurando auditório em homenagem ao líder sindical. Fonte: Arquivo Pessoal.



Imagem 8: família de Virgílio Serrão Sacramento em celebração no ano de 2015 – da esquerda para a direita: Noemi, Ilene, Marlene, Lourdes, Dinalva, Edna, a mãe Maria do Livramento, Sandra atrás, Dorival, Elias, João e Virgílio. Fonte: Arquivo Pessoal

Referência bibliográfica

BATISTA, Pedro César. João Batista: mártir da luta pela reforma agrária. São Paulo. – Expressão Popular, 2008.

FONTES, Edilza. A reforma agrária em projeto: o uso do espaço legal para garantir o acesso à terra (1960 - 1962). Antíteses (Londrina), v. 8, 2015.

MAKLOUF, Luís. Contido a bala: a vida e morte de Paulo Fonteles, advogado de posseiros no sul do Pará. Belém. – CEJUP, 1994.

PINTO, Lúcio Flávio. Imprensa e contra hegemonia: 20 anos do Jornal Pessoal (1987-2007). Belém. – Paka-Tatu, 2014.

MEDEIROS, Leonilde Servolo de. Conflitos fundiários e violência no campo. In: BRASIL 2014, Conflitos no Campo. Goiânia: CPT Nacional – Brasil, 2014.

PEREIRA, Airton dos Reis. Do posseiro ao sem-terra: a luta pela terra no sul e sudeste do Pará. 1. ed. Recife (PE): Editora UFPE, 2015

REZENDE, Ricardo. Rio Maria: canto da terra. Petrópolis. Vozes, 1993.

SACRAMENTO, Elias Diniz. As almas da terra: a violência no campo mojuense. Belém. – Açaí, 2012.

SACRAMENTO, Elias Diniz. Processos de resistência na Amazônia nos tempos da Ditadura Civil-Militar: entre a memória e a história. MOARA, v. 44, p. 100-119, 2015.

SACRAMENTO, Elias Diniz; SOARES, Fagno da Silvba . MEMÓRIAS DE UM SINDICALISTA NA AMAZÔNIA: Entre as histórias e memórias de Virgílio Serrão Sacramento. CONTRIBUCIONES A LAS CIENCIAS SOCIALES, v. 2016, p. 1-19, 2016.

SACRAMENTO, Elias Diniz. Luta pela terra na Amazônia, assassinatos: Homenagens, música e poesia na história de Virgílio Serrão Sacramento. In: Francivaldo Alves Nunes. (Org.). O rural entre posses, domínios e conflitos. 1ed.São Paulo: Livraria da Física, 2022, v. 1, p. 169-189.

SACRAMENTO, Elias Diniz. O Serviço Nacional de Informação (SNI) e a vigilância dos sindicalistas, padres e bispo progressistas da região Guajarina (1970-1980)970 E 1980. In: Edilza Joana de Oliveira Fontes e Thiago Broni Mesquita. (Org.). A Amazônia e os 60 anos da Ditadura Militar no Brasil. 1ed.Ananindeua: Cabana, 2024, v. I, p. 70-109.

SACRAMENTO, Elias Diniz. Infância e conflitos agrários na Amazônia: Memória de um filho de uma liderança sindical assassinada em Moju/PA, na década de 1980. In: Franciane Gama Lacerda; Alba Barbosa Pessoa. (Org.). História social da infância na Amazônia. 1ed.São Paulo: Livraria da Física, 2021, v. 1, p. 215-240.

SACRAMENTO, Elias Diniz. É muito triste não conhecer o pai: a memória da violência e os familiares de Gringo, Benezinho e Paulo Fonteles. Tese de doutorado/PPHIST/UFGA. Belém, 2020.

SOUSA, Deusa Maria de. Lágrimas e lutas: a reconstrução do mundo de familiares de desaparecidos políticos do Araguaia. Tese de Doutorado. Florianópolis, SC, 2011.